

A mulher que guarda os segredos de FH

Socióloga está organizando os documentos e ajudando o presidente a escrever memórias

João Wainer/Folha Imagem

Vanice Ciocari

SÃO PAULO

Oativismo político, a vida acadêmica e as experiências vividas no poder pelo presidente Fernando Henrique Cardoso são guardados a sete chaves por uma mulher e deverão transformar-se um dia em livro. A socióloga Danielle Ardaillon vive longe da rotina do Palácio do Planalto, mas é a ela que o presidente confiou a missão de organizar seus documentos e ajudá-lo a escrever suas memórias: segundo amigos próximos e acadêmicos ligados ao presidente e a Danielle, diariamente Fernando Henrique grava depoimentos em fitas que são entregues a Danielle, que transcreve o conteúdo e remete cópias impressas ao presidente, arquivando os originais.

A confiança do presidente em Danielle é tão antiga quanto a amizade de pelo menos 30 anos. Ela corresponde com dedicação, discrição e sigilo sobre o trabalho. Danielle nunca aparece, mas acompanha de perto, e desde o início, a trajetória do intelectual e do político Fernando Henrique. Trabalhou com ele no Centro Brasileiro de Análise e Planejamento (Cebrap). Criada em 1969 por um grupo de professores e pesquisadores saídos da Universidade de São Paulo (USP), a entidade serviu como reduto intelectual de resistência ao regime militar. Danielle foi diretora administrativa do Cebrap de 1979 a maio de 1983, incluindo o período em que Fernando Henrique presidiu a entidade (80-82).

— Ela administrou muito bem o Cebrap, uma entidade fundamental na resistência à ditadura militar. Danielle sempre teve o apoio do Fernando Henrique e sempre deu retaguarda a ele para que o Cebrap se destacasse. Ela fez a parte menos brilhante, mas não menos importante, sempre ficou na sombra — afirma Fernando Gasparian, dono da Editora Paz e Terra e primeiro editor de Fernando Henrique.

É assim, na sombra, que Danielle trabalha e mantém sob rigoroso sigilo todo o material que lhe é confiado pelo presidente. Desde que tomou posse, Fernando Henrique grava diariamente os depoimentos sobre o seu dia-a-dia (o livro só será publicado depois que ele deixar a Presidência). Mas, sobre os temas abordados, há uma lei de silêncio.

— Estou organizando o arquivo dele, mas sobre a minha função junto ao presidente não dou entrevista — limita-se a dizer Danielle, que paralelamente desenvolve sua produção intelectual.

Dissertação de mestrado e tese de doutorado foram sobre a mulher

Feminista de carteirinha, ela enfoca suas pesquisas na questão da mulher. Publicou no ano passado o livro "O salário da liberdade — Profissão e maternidade, negociações para uma igualdade na diferença". O livro é resultado da dissertação de mestrado que defendeu em dezembro de 1989 no Departamento de Ciência Política da Faculdade de Filosofia da USP. O trabalho foi orientado pela antropóloga Ruth Cardoso, mulher do presidente. Também na USP, ela apresentou em 1997 a tese de doutorado "Cidadania de corpo inteiro. Discursos sobre o aborto em número e gênero". A tese traz uma coletânea dos discursos sobre a questão veiculados na imprensa num período de 25 anos e faz uma análise das decisões judiciais na área, a partir de processos do Tribunal de Jabaquara (SP).

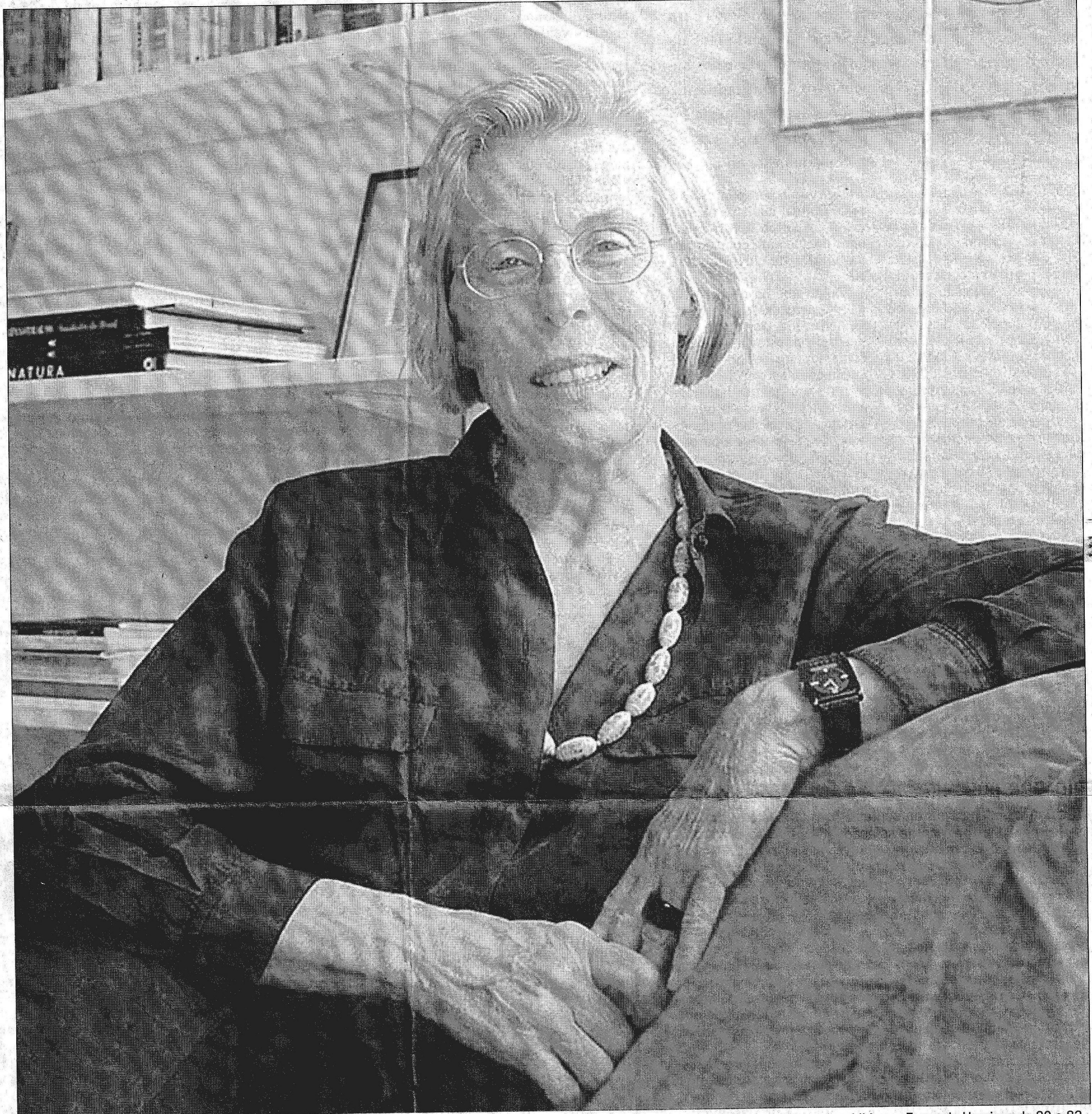
Mas, além do feminismo, outras causas ocuparam Danielle. Francesa de origem argelina, foi perseguida pelo regime militar com o marido, o engenheiro industrial Sebastião Simões Filho, morto há oito anos. O casal acolheu e ajudou amigos e militantes de esquerda.

— A casa dos Simões, no Brooklin, era frequentada por personagens da luta contra a ditadura — relata um antigo amigo do casal.

Segundo ele, até mesmo Carlos Marighella teria recebido acolhida. Emília-no José, que lançou recentemente uma nova biografia do líder da ALN, não confirma a informação, mas não duvida que Marighella possa ter recebido ajuda do casal.

— Muitas pessoas ajudaram Marighella, mas se mantiveram no anonimato para escapar da repressão da ditadura militar — afirma.

Em 31 de janeiro de 1971, Simões e Danielle acabaram presos por agentes do Departamento Estadual de Ordem Política e Social (Deops) na casa onde moravam, no bairro da Zona Sul de São Paulo. Motivo: "Detidos por suspeita de implicações em atividades subversivas



DANIELLE ARDAILLON, em seu apartamento em Higienópolis, em São Paulo, o mesmo bairro do presidente, com quem trabalhou no Cebrap, presidido por Fernando Henrique de 80 a 82



A SOCIOLOGA É A segunda à esquerda, na fila de trás, numa foto de divulgação das atividades do Cebrap mostrando toda a equipe

e terroristas contra a segurança nacional", segundo registros do Deops que estão no Arquivo do Estado. Os dois foram levados e interrogados no Departamento de Operações de Informação do II Exército, conforme consta das pastas 52-Z-0-3616 e 50-Z-9-16878. Não escaparam à tortura. Simões ficou preso durante dois meses e Danielle, cerca de seis meses.

Paraibano, Simões participou do primeiro Governo de Miguel Arraes em Pernambuco (1962-64) como diretor da Companhia Pernambucana de Borracha Sintética (Coperbo). Arraes foi cassado e exilou-se na Argélia, terra natal de Danielle e onde Simões chegou a visitá-lo. Conforme os documentos 50-Z-9-16878 do Dops, na época ela era professora da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da USP, em Santos e teria recebido um "pacotinho" enviado por Heleni Guari-

ba, militante de esquerda presa no presídio Tiradentes. Foi justamente à memória de Heleni — "desaparecida em 1971" —, que Danielle dedicou o livro "O salário da liberdade".

Já no início da abertura política, há um documento sobre um curso do Cebrap assinado por Danielle em dezembro de 1980, catalogado na pasta do Deops número 50-Z-130-4896. Em anexo estão textos escritos por Fernando Henrique, pelo economista Paul Singer, por José Serra (atual ministro da Saúde) e pelo sociólogo Vinícius Caldeira Brant.

Os dias de cárcere e tortura abalaram definitivamente as vidas de Danielle e do marido. Eles acabaram se separando. Tiveram três filhos: Vasco, Diogo e Martim. Depois de trabalhar no Cebrap, Danielle retomou a carreira acadêmica. Além da assessoria especial para o presidente, ela tem trabalhado na organiza-

ção e implantação do Tesauro para Estudos de Gênero e sobre Mulheres (TEG) — espécie de banco de dados e de bibliotecas. O TEG foi organizado por Danielle e outras duas sociólogas da Fundação Carlos Chagas, Cristina Bruschini e Sandra Ridenti.

Amiga e colega de Danielle, Cristina não poupa elogios:

— Eu a conheço há 20 anos. É supercompetente, superorganizada. Se pudesse, gostaria de contar com o trabalho dela por mais tempo, mas ela tem outras atividades como a assessoria que faz para o presidente — diz.

Além do reconhecimento pela sua competência e seriedade, Danielle também leva a fama de durona e sargenta.

— Ela é muito educada, refinada, mas tem um estilo sargento — afirma um ex-colega. ■

Tese mostra que Justiça não tem punido aborto

• SÃO PAULO. Na tese de doutorado, Danielle Ardaillon leva o discurso que defende o aborto para o campo da cidadania. A questão é tratada a partir de concepções diferentes e incompatíveis na sociedade brasileira. Mesmo assim, as decisões judiciais analisadas pela socióloga mostram que existe uma abertura maior do que a prevista na legislação. Das 765 decisões analisadas, somente 4% levaram a alguma condenação, enquanto 53% dos processos foram arquivados.

Na dissertação de mestrado, Danielle focaliza os conflitos da mulher da classe média urbana. A partir de pesquisas com mulheres de 25 a 35 anos, ela analisa a importância do dinheiro e a organização da vida privada e profissional. O texto alerta para a questão da desigualdade sexual, que persiste de forma velada no ambiente familiar, apesar da igualdade jurídica conquistada.

Além de artigos e pesquisas, Danielle publicou ainda os livros "Mulher: indivíduo ou família", "Brésil: organização des femmes pour leur santé" e "Quando a vítima é mulher. Análise de julgamentos de crimes de estupro, espancamento e homicídio" — os dois últimos em parceria.